

## LINGUAGEM E FILOSOFIA: A CRÍTICA DA LINGUAGEM DE F. MAUTHNER À LUZ DO PIRRONISMO<sup>285</sup>

Di Tomaso Sebastian<sup>286</sup>

**Resumo:** Fritz Mauthner (1849-1923) desenvolveu o projeto filosófico de uma crítica da linguagem, a qual concebia como um aprofundamento do criticismo iniciado por Kant. No entanto, através da análise da natureza da linguagem, Mauthner chega a conclusões céticas sobre a possibilidade de conhecer o mundo. A interpretação mais geral sustenta que a crítica mauthneriana consiste em um ceticismo epistemológico com consequências estritamente negativas, não só para a possibilidade de conhecimento, mas também para a viabilidade ou coerência do seu próprio projeto filosófico. A esse respeito, G. Weiller (1970) considera que esse tipo de ceticismo radical devém autodestrutivo (*self-defeating*), conduzindo a um misticismo. Dessa perspectiva, Mauthner se apresenta como um antifilósofo. Essa conclusão, no entanto, resulta imprecisa enquanto não incorpora elementos que permitam enriquecer e esclarecer o tipo de ceticismo que compreende seu projeto crítico-filosófico. Em particular, passam despercebidas as diferenças existentes entre o ceticismo epistemológico e o pirronismo. Através de uma discussão crítica que faça uso dessa interpretação, o objetivo desse artigo consiste em recuperar os elementos pirrônicos presentes na crítica da linguagem mauthneriana. Nossa hipótese é que esta recuperação permite uma compreensão mais clara do seu pensamento e habilita uma perspectiva filosoficamente consistente deste. A partir disso, tentaremos mostrar que o projeto crítico mauthneriano pode ser compreendido como uma forma original de pirronismo.

**Palavras-chave:** Fritz Mauthner; Linguagem; Ceticismo; Pirronismo; Neopirronismo.

**Abstract:** Fritz Mauthner (1849-1923) developed his philosophical project of a critique of language, which he conceived as a deepening of the criticism initiated by Kant. However, through the analysis of the nature of language, Mauthner reaches skeptical conclusions about the possibility of knowing the

---

<sup>285</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>286</sup> Licenciado em Filosofia pela Universidad Nacional de Córdoba (UNC). Universidad Nacional de Córdoba (UNC). Doutorando no CONICET – UNC com o projeto de pesquisa “Neopirronismo y metafísica: la *Sprachkritik* de Fritz Mauthner como logoterapia” dirigido pela Dra. Guadalupe Reinoso (Conicet – SeCyT/UNC). Doutorando Capes (programa “Move la América”). Membro do grupo de pesquisa “Actualizaciones del neopirronismo: el legado del escepticismo griego en la filosofía moderna y contemporánea”, no Centro de Investigación de la Facultad de Filosofía y Humanidades (CIFYH – UNC). Temas de pesquisa: recepção do ceticismo e pirronismo na *Crítica da linguagem* de Fritz Mauthner. E-mail: [sebaditomaso@gmail.com](mailto:sebaditomaso@gmail.com).

world. The most widespread interpretation holds that Mauthnerian criticism consists of an epistemological skepticism with strictly negative consequences not only for the possibility of knowledge but also for the viability or coherence of his philosophical project. In this regard, G. Weiler (1970) considers that this type of radical skepticism becomes self-defeating, leading to mysticism. From his perspective, Mauthner presents himself as an anti-philosopher. This conclusion, however, is imprecise insofar as it does not incorporate elements that allow us to enrich and clarify the type of skepticism that comprises the critical-philosophical project. From his perspective, Mauthner presents himself as an anti-philosopher. This conclusion, however, is imprecise insofar as it does not incorporate elements that would enrich and clarify the type of skepticism that comprises the critical-philosophical project. In particular, it overlooks the differences between epistemological skepticism and Pyrrhonism. Through a critical discussion of this interpretation, the aim of this article is to recover the Pyrrhonian elements present in Mauthnerian language criticism. Our hypothesis is that this recovery allows a clearer understanding of his thought and enables a philosophically consistent perspective of it. From this, we will try to show that the Mauthnerian critical project can be understood as an original form of neo-pyrrhonism.

**Keywords:** Fritz Mauthner; Language; Skepticism; Pyrrhonism; Neopyrrhonism.

### **Crônica de uma redenção: o pensamento de Mauthner na história da filosofia**

Fritz Mauthner (1849-1923) é um pensador cuja figura passou despercebida pela história da filosofia por muitos anos. Esse esquecimento obedece, em parte, ao fato de que dedicou a maior parte de sua vida à crítica teatral e à produção literária; esta última percorre diversos gêneros, entre os quais se contam poemas, *feuilletons*, paródias, relatos, ensaios, novelas. No entanto, a partir do início do século XX e até a sua morte 1923, Mauthner desenvolveu – paralelamente a seu trabalho literário – uma volumosa obra filosófica<sup>287</sup>. Ante tal produção, o esquecimento ao qual foi submetido parece obedecer a outro tipo de razões; esquecimento que resulta ainda mais estranho se se considera que, mesmo com o silêncio sobre seu nome, Mauthner gerou impacto em autores consideráveis: o caso mais famoso é o de

---

<sup>287</sup> Sua obra prima, *Contribuições para uma crítica da linguagem*, publicada em três volumes (1901-1902); os ensaios filosóficos *Aristóteles* (1904) e *Spinoza* (1905); um *Dicionário de filosofia* publicado em dois volumes (1910-1911), o qual também denominou *Novas contribuições para uma crítica da linguagem*; sua última grande obra *El ateísmo y su historia en occidente*, publicado em quatro volumes (1920-1923); e finalmente um pequeno ensaio chamado *Las tres imágenes del mundo*, publicado postumamente (1925).

Wittgenstein que, apesar de negá-lo em seu *Tractatus*<sup>288</sup>, logo retomaria algumas ideias centrais de Mauthner em suas *Investigações Filosóficas*<sup>289</sup>. Fora do âmbito estritamente filosófico, influenciou autores como Beckett, Joyce, Hofmannsthal e Borges. Diante da natureza marcante desse impacto silencioso, alguns autores tentaram algumas explicações<sup>290</sup>. O fato é que, para além dessa hipótese, Mauthner atravessou sigilosamente a história da filosofia<sup>291</sup>.

O principal inconveniente dessa falta de interesse por seu pensamento se refletiu na ausência de reedições e traduções de sua obra<sup>292</sup>. No âmbito que nos ocupa, o de falantes de espanhol, curiosamente contamos com uma tradução bastante precoce, a qual, se é parcial, já que só consiste na primeira parte do primeiro volume – que tem o título de *Essencia del lenguaje* –, contém as diretrizes principais de sua obra. De todo modo, esta tradução não produziu um impacto relevante à época. Afortunadamente, durante os últimos anos essa situação começou a reverter-se. Desde aproximadamente meados do século passado proliferaram estudos sobre diferentes aspectos de sua obra: sua influência sobre a literatura, seu vínculo com a filosofia de Wittgenstein<sup>293</sup>; e finalmente estudos que abordam seu pensamento sem tentar reconstruir influxos ou comparações<sup>294</sup>. Consequentemente, esse renovado interesse teve um impacto em novas edições e traduções de sua obra<sup>295</sup>. O presente trabalho pretende ser um aporte a esta última linha de investigação, que toma como tópico central o estudo do ceticismo linguístico presente na obra de Mauthner.

### **A gênese da *Crítica da linguagem*: a experiência de pluralidade linguística e a epifania crítico-linguística**

<sup>288</sup> Nos estudos sobre Mauthner, é conhecido o parágrafo 4.0031 do *Tractatus*, em que Wittgenstein afirma que “Toda filosofia é ‘crítica da linguagem’”. (Em todo caso, não no sentido de Mauthner).

<sup>289</sup> Talvez as ideias mais importantes que Wittgenstein parece tomar de Mauthner são a noção da linguagem como uso e a ideia de que a capacidade de falar uma linguagem é análoga a seguir as regras de um jogo. Sobre este tema, cf. SANTIBÁÑEZ YÁÑEZ, C. (2007); SANFÉLIX VIDARTE, V. (2005); BARROSO, P. (2015).

<sup>290</sup> Cf. BREDECK, E., 1992, pp. 7-9; ENGELMANN, M. L., 2023, pp. 67-83; SUZUKI, M. 2024, pp. 15-21.

<sup>291</sup> Uma exceção a esta tendência foi um extenso estudo KRIEG, M. (1914).

<sup>292</sup> Sobre da obra de Mauthner cf. Suzuki (2024).

<sup>293</sup> Cf. nota 3 deste trabalho.

<sup>294</sup> Sobre a relação entre linguagem e ceticismo na obra de Mauthner, cf. Arens (1982, 1985, 2001); Bredeck (1992); Di Tomaso (2024a, 2024b); Pisano (2016); Reinoso (2025); Weiler (1970).

<sup>295</sup> Em 2019, o editorial Librorium publicou uma reedição da versão de 1906 de *Contribuições* em seu idioma original. A respeito das traduções, entre as mais completas se encontram: em italiano, *L'ateismo e la sua storia in Occidente (2012)* e *La maledizione della parola di Fritz Mauthner*, que consiste em uma recopilação de fragmentos de diversos trabalhos e inclui um estudo introdutório a cargo de Luisa Bertolini (2008). Em português, foi publicado recentemente *O avesso das palavras* (2024), que segue a mesma metodologia empregada por Bertolini de tradução de diversos fragmentos. Em espanhol, não só contamos com a tradução parcial de *Contribuições*, feita por Herder (2001), mas também com a tradução do ensaio *Spinoza* (2011), que conta com um importante estudo preliminar feito por Fernando Bahr,

Um primeiro passo para se aproximar das reflexões de Mauthner sobre a natureza da linguagem e o modo com que se relaciona com o ceticismo se encontra na sua própria biografia. Com frequência, as biografias (pessoais e/ou intelectuais) podem operar como chaves de leitura que permitem iluminar alguns aspectos da obra de um pensador. Incluir este tipo de dado na abordagem do estudo de um autor obedece a uma decisão metodológica de investigação. No caso de Mauthner, é ele mesmo quem torna explícita a relação entre sua vida e sua obra, oferecendo seu contexto histórico-cultural como explicação da origem do seu pensamento.

Mauthner nasce em 1849, em Horzitz, ou Hořice, uma pequena cidade pertencente a região da Boêmia (atual República Tcheca), a qual pertencia, desde meados do século XVI, aos Habsburgo, e que, por sua vez, constituiu um dos guetos judeus mais antigos da Europa central. O que quero assinalar com isso é que Mauthner nasce em um contexto sociocultural complexo: essa é uma região eslava cuja língua original era o húngaro/magiar, que possuía uma população judia histórica e anexada a um reino de falantes de alemão<sup>296</sup>. Essa pluralidade cultural e linguística é apontada por Mauthner como a origem quase necessária do seu interesse pela linguagem: “não entendo em absoluto que um judeu nascido em uma região eslava da Áustria não se veja empurrado até a investigação linguística” (MAUTHNER, 1918, p. 32)<sup>297</sup>.

Porém, apesar das línguas concretas, foi a mistura entre os dialetos o que, desde uma tenra idade, chamou sua atenção “sobre certas leis de linguagem, sobre empréstimo e contaminação, cujo significado completo ainda não foi compreendido pelos linguistas” (*ibidem*). Assim, nesta “comparação linguística infantil” (*ibidem*, p. 34), expressa em “perguntas tolas de uma filosofia linguística antiquada” (*ibidem*), se encontra a semente de sua inquietude pela linguagem, à qual se considerava praticamente “predestinado” (*ibidem*, p. 50).

Esse destino se materializou anos mais tarde, justo antes de sua matrícula na Universidade de Praga, em 1869. No entanto, para além do contexto mencionado, Mauthner não reconhece uma origem intelectual exata “de onde podem haver voado até mim os germes da crítica linguística no ar” (*ibidem*, p. 207). Sobre o reconhecimento de devedores do seu pensamento crítico-linguístico se ocupará anos

---

<sup>296</sup> Os conflitos nacionais entre eslavos e austríacos foram determinantes no período da educação de Mauthner. O tcheco tinha sido convertido em segunda língua oficial do império e sua aprendizagem era obrigatória nos programas de estudo. Sobre o vínculo de Mauthner com os diversos idiomas, cf. a seção *Erste Sprachstudien*, de seus *Erinnerungen* (1918).

<sup>297</sup> A exceção das *Contribuições para uma crítica da linguagem* (2001), nenhuma das obras referidas com seu título original em alemão conta com tradução ao espanhol ou ao inglês, pelo que as citações e fragmentos correspondem a uma tradução própria.

mais tarde, após publicar sua primeira Crítica<sup>298</sup>. Porém, além das possíveis influências, considera que nada e ninguém poderia tê-lo influenciado tão fortemente “se não houvesse havido em mim o que os médicos consideram uma condição de infecção: uma predisposição” (Mauthner, 1922, p. 128). Esta predisposição, que ele chama de raiva contra o uso da linguagem, considera que surgiu em dois lugares:

[...] na luta contra os conceitos ilusórios e no descobrimento da causa (*Ursache*) da experiência (*Erfahrung*), que cada época crê haver chegado mais longe e mais maravilhosamente. Ambas ideias me foram tão familiares desde a primeira juventude que poderia inclinar-me a chamá-las, brincando, de minhas ideias inatas pessoais (*ibidem*).

A primeira dessas ideias – “um asco inato por todos os conceitos ilusórios” (*ibidem*) – remonta aos escrúpulos e dúvidas que os assaltavam em sua instrução religiosa, em particular as provas escolásticas da existência de Deus, que conheceu em seus anos de formação inicial<sup>299</sup>. Comenta que a partir dali “aprendi a praticar a crítica linguística da psicologia e da lógica. [...] sei com certeza que inclusive muito mais tarde as dúvidas sobre os conceitos substantivos como alma, vontade etc. começaram com minha comparação com o conceito de Deus” (*ibidem*, p. 128-129). No entanto, nessa época ele não considerava que a crítica epistemológica da linguagem devia ocupar-se desse tipo de conceitos ilusório, mas que seria a tarefa das línguas comuns não tolerar conceitos que não podiam legitimar-se a si mesmos. Porém, esta ideia remete à segunda, porque tal legitimação parece acusar uma falta de ancoragem na experiência.

Mauthner relata que, nessa época, foi “repentinamente invadido pelo horror da linguagem (*Sprachschreck*), um horror ao monstro absurdo da linguagem” (*ibidem*, p. 129). Ele ilustra esse sentimento de horror recuperando alguns versos do Fausto de Goethe, onde se faz referência à crença nos *fetiches* da palavra e, sobretudo, à crença em um progresso da humanidade, “na presunção da humanidade pensante de se crer na cúspide do desenvolvimento” (*ibidem*). A partir dessa espécie de horror lança as seguintes perguntas:

Como poderia parecer o pico do desenvolvimento se muitas vezes havia harmonia entre a cultura de um povo e sua língua comum? Como é possível que essa harmonia entre a cultura e a língua – salvo alguns rebeldes – tenha que existir a todo momento? Como, se a linguagem não fosse, a todo momento, mais que a repetição do estômago saciado dos filisteus? E se a tarefa de conhecer realmente a natureza por meio da linguagem fosse tão insolúvel quanto a quadratura do círculo ou a criação de uma máquina de movimento perpétuo? Como seria se a linguagem humana só se ocupasse do passado, nunca do futuro, como seria se um estudo científico da linguagem só permitisse a história linguística, porém nunca a predição lógica? (*ibidem*, p. 129-130)

<sup>298</sup> Mauthner reconhece em diversos lugares os seus débitos. Em particular, em uma carta escrita a seu amigo Maximilian Harden, a qual aparece sob o título "*Die Herkunft des sprachkritischen Gedankens*" (A origem da ideia crítica linguística) no "*Zukunft*" de 2 de abril de 1904. Uma transcrição se encontra em Mauthner, 1918, p. 211-234.

<sup>299</sup> Em seus anos escolares, teve o primeiro contato com a filosofia através de um professor, clérigo, que ensinava uma propedêutica filosófica que consistia em lógica, psicologia e ética. Segundo Mauthner, a psicologia e a ética não iam para além de generalidades religiosas, porém a lógica o fascinava. Também aqui conhece as generalidades do darwinismo, o qual, como veremos, constituirá um elemento central de sua Crítica (Mauthner, 2001, p. 95).

As respostas a essas perguntas de caráter crítico-linguístico – onde já se esboça certo tom cético – foram conjugadas na sua agitada *Crítica da linguagem* (perdida), onde Mauthner “pretendia dar uma odiosa sentença de morte contra o valor de toda a linguagem” (*ibidem*, p. 130).

### **O ceticismo epistemológico na primeira versão da *Crítica da linguagem***

A resposta de Mauthner a essas questões é que a linguagem é essencialmente materialista, ou seja, originada nas sensações e, portanto, confinada a elas. Daqui se seguem duas conclusões cétricas sobre o conhecimento. Primeiro, dada essa origem materialista, a previsão – o único objetivo do conhecimento materialista – se reduz somente a uma expectativa provável, não a uma verdade lógica das proposições linguísticas; em segundo lugar, o conhecimento se apresenta como um fenômeno social, já que nenhum indivíduo pode elevar-se sobre o falar ou o pensar do seu próprio tempo. Para Mauthner, a linguagem não é mais que tradição, ou seja, o conjunto das experiências coletivas que conformam a cultura de um povo, sua memória. Por essa razão, cada época, através da sua linguagem atual, se sente “com o direito que a estupidez a concede”, no pico do progresso. Em 1872 escreve:

Durante semanas, passei metade da noite reclamando sobre o fato de que não podemos saber absolutamente nada, que a razão humana não tem outros meios de informação além da linguagem miserável, que a linguagem é uma ferramenta com a qual não podemos alcançar nada real, nem a natureza nem nossos próprios sentimentos (*Ibidem*, p. 126).

Isso é algo como o núcleo do seu ceticismo epistemológico: a linguagem não pode ser uma ferramenta de conhecimento do mundo. Quando estava tentando, erradamente, desenvolver essa ideia, quando tinha um manuscrito de aproximadamente 200 páginas, reconhece a necessidade de estudar história da filosofia e aprofundar seus conhecimentos em linguística moderna. Assim, após lançar esse manuscrito ao fogo, começou uma propedêutica que, junto com uma nova escrita (que retornou em 1893), lhe ocuparia por 27 anos, materializando-se em suas *Contribuições*<sup>300</sup>.

Nesta obra, Mauthner concebe sua crítica da linguagem como um aprofundamento do criticismo kantiano, orientado a estabelecer as condições de possibilidade do conhecimento. Segundo explica, se Kant acertava em sua intuição de que a razão necessita ser submetida a uma crítica, falhou ao não compreender que razão e linguagem são a mesma coisa; ou seja, entende que faltou a Kant uma crítica da linguagem, entendida por Mauthner como uma metacrítica da razão (Mauthner, 2001, p. 59). Porém,

---

<sup>300</sup> Convém assinalar que esta propedêutica parte de uma desconfiança sobre os, naquele momento, atuais resultados das ciências. Assim, Mauthner assinala: “decidi (...) ser radicalmente cético a respeito dos últimos ou atuais resultados de minhas muitas disciplinas, porém comecei a conhecer as pontes e caminhos linguísticos pelos quais se havia chegado a supostos últimos resultados no curso dos séculos (Mauthner, F., 1922, p. 134). Assim, seu ceticismo está ligado a um modo de investigação histórico ou genealógico.

esse criticismo conduz Mauthner, à diferença de Kant, a conclusões cétricas. Mauthner considera que “A Linguagem” não é mais que uma abstração, um nome sob o qual os linguistas escondem “a quantidade extraordinária de todos os sons humanos que foram pronunciados ou escritos em qualquer parte da terra com a finalidade de que os homens se compreendam” (*ibidem*, p. 35). Ou seja, a linguagem é essencialmente atividade: não é um objeto de uso, nem um instrumento, senão simplesmente seu próprio uso (*ibidem*, p. 26).

A identificação da linguagem como atividade é, por sua vez – retomando aquela intuição sobre a identidade entre linguagem e pensamento – estendida por Mauthner à razão: o paralelismo entre razão e linguagem se traduz em um paralelismo entre pensar e falar; ambos são uma ordem de movimentos ou ações, vistos de dois pontos de vista diferentes (Mauthner, 1992, p. 135). Recuperando suas reflexões sobre a coincidência entre conhecimento, linguagem e cultura, que havia aparecido em seu primeiro esboço da Crítica, considera agora que estas abstrações só são reais nos atos individuais de falar e pensar e, portanto, ambos são um mesmo fenômeno social. Porém, apesar de não serem quase reis, estes fenômenos, essas abstrações, têm um valor pragmático-social que se sustenta no costume: o falar e o pensar são como regras de um jogo (Mauthner, 2001, p. 52). A partir de tudo isto, Mauthner se separa de Kant ao afirmar que:

[...] quanto menos sabemos sobre uma linguagem filosófica sobrehumana, menos sabemos – se só excluimos os anseios do misticismo – sobre uma razão pura. A crítica da razão deve converter-se em crítica à linguagem. Toda a filosofia crítica é uma crítica da linguagem (Mauthner, 1922, p. 135).

Para Mauthner, a crítica não pode partir de um sujeito transcendental, porque as categorias *a priori* da razão não são mais que palavras; ela deve partir do sensualismo “porque não há nada nos conceitos de nossa linguagem que não estiveram antes nos nossos sentidos”<sup>301</sup>. No entanto, ele considera que, assim como as chamadas coisas do mundo da realidade, nossos sentidos não são imutáveis e, portanto, o materialismo sensualista acaba se anulando. Ou seja, os sentidos, sendo parte do fluxo da realidade, também devieram. Nessa reflexão, Mauthner parece combinar ideias do fenomenismo de E. Mach com o evolucionismo darwinista. Nesta linha, o devir dos sentidos foi acidental, produto de uma evolução aleatória, já que “[...] o infinito dos movimentos da realidade só pode entrar em nós pelas portas estreitas dos sentidos acidentais; que tudo aquilo que não tem direção até essas portas deve ficar de fora; cinco sentidos como portas por onde entra a realidade” (Mauthner, 2001, p. 60).

Ao sintetizar suas reflexões sobre o caráter social da linguagem com a ideia de “acidentalidade” dos sentidos, Mauthner considera que a linguagem consiste em uma coleção herdada de sinais evocativos

<sup>301</sup>“*Nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensibus*”. Esta frase, que já se encontra em Aristóteles e em Tomás de Aquino, Mauthner parece tê-la tomado do *Ensaio sobre o entendimento humano*, de Locke.

que nossa espécie desenvolveu para não se perder no fluxo das impressões”. Conclui, assim, que aquilo que os sentidos nos ensinam a conhecer através da linguagem é, pois, um hominismo limitado<sup>302</sup>:

[...] a linguagem humana, dependente dos sentidos acidentais, não pode em absoluto obter outro ponto de vista sobre a natureza que pretende investigar que o hominismo limitado. Com a ajuda da linguagem, só podemos experimentar o que as chamadas coisas são para o homem; não temos nenhum meio linguístico para designar o que essas coisas podem ser em si mesmas (Mauthner, 1922, p. 136).

A isto é somado o fato de que a linguagem é essencialmente metafórica, não só em sua origem, mas em seu modo de proceder: em primeiro lugar, se inicia em uma “tradução” desde as impressões dos sentidos às palavras, o que implica um primeiro falseamento, e, ademais, uma mesma palavra muda historicamente, muda de significado, porque sob um nome vão subsumindo novos “falseamentos” provenientes de novas experiências (Mauthner, 2001, p. 137-138, 142-143). Então, como a realidade, a linguagem é algo em constante mudança.

Descartada a possibilidade de uma visão objetiva da realidade, Mauthner considera que não há mais remédio que reconhecer que, no fundo, nosso conhecimento ou visão da realidade deve coincidir com nossa linguagem (atual), sendo, em última instância, um fenômeno social ou, se quiserem, uma ilusão social, algo que só possui valor entre os homens (*ibidem*, p. 60).

### **Superstição da palavra e liberação da linguagem**

Para além da impossibilidade da linguagem de acessar a realidade, Mauthner chama atenção para o fato de que a linguagem nos induz a crer que as palavras designam objetos reais e, em particular, a projetar uma ordem desses objetos e eventos do mundo. Ele considera que esta tendência provém das propriedades da linguagem: a gramática e a lógica. Dada a identidade entre pensar e falar, a linguagem é o que nos submete a crer que a ordem do mundo obedece à ordem da sintaxe e respeita as leis da lógica. O que opera nesta ilusão é nossa necessidade de ordem, e é essa necessidade – e não uma suposta ordem da natureza – o que converte conceitos abstratos em leis para a ciência natural. Desde modo, afirma Mauthner, as palavras abstratas se convertem para nós em fantasmas (*Gespensstern*), em deuses (*Göttern*)<sup>303</sup>.

Isso não só diz respeito ao mundo externo, mas também ao nosso mundo interno. Todos os conceitos psicológicos, como o de “sensação” e “vontade” são abstrações, e fazer deles as causas de

<sup>302</sup> Sobre o conceito de “hominismo”, Mauthner considera que Locke, que foi o primeiro a criticar os sentidos, ensinou o hominismo das qualidades secundárias, como as cores, os sons; Kant, que acreditou criticar a razão pura, ensinou com audácia e grandiloquência o hominismo de algumas qualidades primárias, do espaço, do tempo, da causalidade.

<sup>303</sup> “*Gespensstern*” é o temo com que Mauthner traduz o conceito baconiano de “ídolos” (Mauthner, 1910 p. 76).

nossos estados anímicos é somente mitologia (*Mythologie*). Inclusive, o Ego é um autoengano baseado na gramática: “Na sintaxe, o sujeito gramatical se transforma incessantemente no sujeito psicológico” (Mauthner, 1922, p. 137). Mauthner chama esse impulso mitológico, esta idolatria, de “superstição da palavra” (*Wortaberglaube*). É interessante o paralelo que ele traça entre a idolatria dos nomes, aparentemente própria aos povos antigos, e a idolatria dos conceitos científicos:

Nós estamos acima dessas ninharias [...] Nós cremos poder manter os fantasmas de nossos conceitos em suas aparentes existências conservando seus nomes. E se um tal nome morre apesar dos cuidados e não se pode mais o suportar, porque começa a cheirar mal, como, por exemplo, o bonito nome força vital (*Lebenskraft*), então se reúnem os monges do culto respectivo e aos aparentados da força vital [...] o novo e bonito nome: “faculdade” (*Vermogen*) (Mauthner, 2001, p. 166)

Ressoa então aquela primeira intuição de Mauthner sobre o progresso que cada povo ilusoriamente proclama sobre si mesmo. O que opera na base dessa ilusão é um fetichismo linguístico baseado no fato de que as palavras, cuja origem obedece a necessidades, são manejadas (usadas) como se sua existência fosse uma prova da realidade daquilo que denominam. E esse fetichismo opera nas ciências ainda mais que na linguagem ordinária. Com esta denúncia, Mauthner quebra a representação de que existe uma diferença essencial entre as antigas mitologias e “uma depurada, e se se quiser, filosófica, religião” (*ibidem*), ou seja, nossa ciência. A partir disto, Mauthner sentencia que as palavras não são mais que deuses, e, portanto, “nossa fé na lógica, nossa fé de que com operações lógicas se aumenta nosso conhecimento do mundo, é uma fé teológica” (*ibidem*, p. 177).

Finalmente, todas as suas reflexões sobre a superstição e o fetichismo conduzem a uma perspectiva nominalista, que está em afinidade com sua concepção sensualista da linguagem, da razão e do conhecimento:

[...] a cegueira fetichista do arquitetônico carinho à ordem, ou o desejo de compreender uma ordenação universal, constitui o essencial do espírito humano, que, diante da vista da variada realidade, não se tranquilizou até ver Deus, o espírito, em coisas naturais semelhantes, e unido isso a uma palavra [...] E se encontra algo parecido, mas que não corresponde a todas as propriedades do fetiche ou da ideia [...], então o espírito humano religioso, isto é, ordenador, é torturado ao organizar arquitetonicamente o novo grupo de coisas mais ou menos semelhantes, e a isto se chama ciência (*ibidem*, p. 180)

Frente a este reconhecimento do caráter falsificador da linguagem, Mauthner entende que a principal tarefa da crítica deve ser a liberação dos fetiches, superstições ou dogmas a que ele nos submete. No entanto, a tarefa de liberação parece encerrar um problema: a crítica mesma deve necessariamente exercer-se desde e sobre a linguagem, é ao mesmo tempo o seu instrumento e seu objeto. Para referir-se a esta condição, utiliza a seguinte metáfora: “se eu quiser escalar na crítica da linguagem [...] devo, pois, acabar com a linguagem que existe atrás de mim, junto a mim e diante de mim; passo a

passo, devo destruir, ao pisar, cada degrau da escada”, (*ibidem*, p. 12) <sup>304</sup>. É principalmente por conta dessa afirmação que Mauthner foi interpretado um dos maiores expoentes do ceticismo linguístico e, por sua vez, submetido a certas objeções que põem em xeque a viabilidade filosófica de sua crítica. A seguir, nos ocuparemos deste tema.

### **A crítica à Crítica: inconsistência ou misticismo**

Vimos que Mauthner não somente vê na linguagem uma fonte de enganos e erros sistemáticos, mas também como algo que exerce um grande poder de fascinação, um impulso mitológico sobre nós. Vimos também que a finalidade de sua crítica, uma vez que oferece uma resposta (negativa) ao desafio epistemológico sobre o conhecimento, concebe uma liberação dos enganos linguísticos. Ora, Mauthner considera que as principais fontes dessas “superstições” – ou dogmas – foram os sistemas filosóficos (Mauthner, 2001, p. 26, 167, 170). Sendo assim, a liberação implica um ataque à filosofia enquanto fonte de superstições. Parece ser, então, que, em termos de Mauthner, a filosofia, uma vez que se torna crítica da linguagem, deve se liberar.

Essa perspectiva, segundo G. Weiler, faz a Crítica oscilar entre a inconsistência e a autodestruição. Ele interpreta Mauthner como um cético radical, não só porque seu projeto crítico afirma a impossibilidade do conhecimento, senão também porque termina – se é consistente com seus princípios – por autodestruir-se. Ele entende que para poder exercer a crítica da linguagem de tal modo que se produza um ganho de conhecimento mais ou menos permanente, seria necessário que houvesse uma metalinguagem, ou alguma parte da linguagem ordinária que não seja enganosa. Porém, ao não haver tal linguagem privilegiada ou ponto de vista externo, a crítica é sempre autodestrutiva (*self-defeating*). Esse é o ponto onde Weiler situa a radicalidade do ceticismo; ele entende que o fato de que a crítica conduz ao ceticismo se deve ao fato de que o exercício da crítica da linguagem é em si mesmo uma atividade linguística. Esse inevitável caráter autodestrutivo revelaria a natureza epistemologicamente inviável da empresa filosófica de Mauthner, o que conduz Weiler a interpretá-la como mística, o mesmo que não-filosófica:

---

<sup>304</sup> Essa metáfora utilizada por Mauthner tem sua origem na obra de Sexto Empírico (*M*, VIII. 481). Para nos referirmos à obra de Sexto Empírico, seguiremos o índice Janáček, segundo o qual correspondem as seguintes nomenclaturas: *Hipotiposes pirrônicas* (HP). A menos que se indique o contrário, a nomenclatura corresponde à edição de Akal (conferir bibliografia), com a indicação do número do livro (I, II ou III) seguido de um ponto e o número de linha correspondente. Assim: HP, I. 25 corresponde à linha 25 do livro I. *Adversus Mathematicos* (M). A menos que se indique o contrário, a nomenclatura corresponde às edições de Gredos (conferir bibliografia): livros I-VI, *Contra os professores* (1997), VII-XI, *Contra os dogmáticos* (2012). A forma da citação será igual à mencionada para as HP. Por outro lado, vale a pena mencionar que a mesma também é recuperada de Wittgenstein, no parágrafo 6.54 de seu *Tractatus*.

Uma crítica que não tem nada de positivo a oferecer, por meio de verdadeiras teses ou doutrinas, é, com efeito, autodestrutiva. A alternativa ao dogmatismo, seja negativa ou positiva, é uma posição da qual não mais se desprendem teses. É uma posição na qual a diferença entre o verdadeiro e o falso não só fica confusa, senão que perde seu sentido. Esta é a posição do místico (Weiler, 1970, p. 292).

Essa caracterização, no entanto, por estar ligada de forma *exclusiva* a uma concepção epistemológica do ceticismo, resulta deficiente. As formas de abordagem do legado cético no século XX se concentraram em distinguir duas formas diferentes de ceticismo: o legado cartesiano, que se desenvolveu dentro de um projeto filosófico para justificar as possibilidades de nosso conhecimento (ceticismo epistemológico), e o legado pirrônico – cuja principal fonte são as “Hipotiposes pirrônicas” de Sexto Empírico (pirronismo). Este último, por sua vez, teve uma importante recepção na tradição austro-germânica, refletida na “crise da linguagem” já mencionada. Tendo isto em conta, é possível ver que Weiler acerta em reconhecer os elementos céticos epistemológicos que o próprio Mauthner expõe inscrevendo-se a si mesmo dentro da tradição crítica-epistemológica, ao considerar que a crítica da linguagem é a única teoria do conhecimento possível (Mauthner, 2001, p. 22); e, por sua vez, oferecendo um diagnóstico negativo a respeito das nossas possibilidades de conhecer, típico do ceticismo moderno. No entanto, se equivoca ao não reconhecer ou diferenciar os elementos de outro tipo de ceticismo, o propriamente pirrônico.

O que tentaremos mostrar é que, se a crítica de Mauthner é uma empresa que se inicia no contexto de uma busca de uma teoria do conhecimento, empreender essa tarefa o fez ver que não é possível nenhuma teoria nem sustentar nenhuma classe de conhecimento (ao menos em um sentido tradicional). Porém isso não conduz, como entende Weiler, a uma forma de misticismo ou a uma autodestruição da filosofia, mas a uma redefinição do modo de entendê-la e praticá-la.

### **O pirronismo e a possibilidade da Crítica da linguagem: linguagem e anti-dogmatismo no pirronismo sextiano**

Como vimos, Weiler considera o criticismo de Mauthner como uma forma de mística, já que se situa entre o dogmatismo e o antidogmatismo, ou seja, na impossibilidade de oferecer teses tanto positivas quanto negativas. Isto implica, por um lado, que Weiler entende que os feitos de elaborar ou propor teses parecem constituir um aspecto essencial de qualquer forma de filosofia e, ademais, Weiler identifica o antidogmatismo com o dogmatismo negativo: quer dizer, com a tese que afirma a possibilidade do conhecimento. A partir dessa leitura, o misticismo se encontra associado ao tópico do silêncio ou da afasia como consequência extrema do ceticismo linguístico. No entanto, o misticismo não

é a única alternativa a ambas as formas de dogmatismo e, conseqüentemente, a afasia tampouco se apresenta como uma conseqüência necessária do ceticismo. A chave para ver como isso é possível se encontra no pirronismo presente na obra de Sexto Empírico. Tentaremos mostrar que a crítica de Mauthner recupera alguns elementos pirrônicos que não só habilitam uma melhor compreensão de seu projeto crítico, como evitam a interpretação autodestrutiva e a conseqüente inviabilidade.

Nas primeiras linhas de *Hipotiposes*<sup>305</sup>, Sexto se ocupa de posicionar o pirronismo como uma alternativa ao dogmatismo tanto negativo como positivo (*HP*, I, 1-2). Por sua vez, entende que ambas as formas de dogmatismo são incompatíveis com um recurso essencial que atribui à sua própria orientação: a investigação (*zétesis*). O fato de que Sexto se ocupe de diferenciar ambas as formas de dogmatismo não são casuais, já que, como explica Frede (1993), os antigos pirrônicos lidavam com uma caracterização segundo a qual eram considerados dogmáticos negativos. De acordo com esta, eles haveriam sustentado a tese de que “não se pode saber nada”, a qual iria contra o princípio central de sua orientação: a ideia de que é preciso se abster de assentir ou afirmar teses, ou seja, é preciso suspender o juízo (Frede, 1993, p. 247). É justamente no conceito de “dogma” que se unem as reflexões sobre o conhecimento e a linguagem. Nesse sentido, os pirrônicos se mostraram crítico ao terem sido conscientes de certos aspectos problemáticos da linguagem e sua relação peculiar com o dogmatismo.

Segundo Reinoso (2025), o enfoque pirrônico sobre a linguagem está determinado pela forma de entender a orientação dos fenômenos<sup>306</sup>, o que leva Sexto a confrontar o problema da linguagem ao menos de três maneiras distintas para evitar compromissos dogmáticos. Por um lado, o pirrônico evita elaborar teorias ou fazer afirmações para além dos fenômenos. Quando Sexto trata especificamente do problema de se o cético dogmatiza, aclara que: “[...] dizemos que (o cético) não dogmatiza no sentido em que outros dizem que dogma é, a aceitação em certas questões, depois de analisadas cientificamente, de coisas não manifestas; o pirrônico, com efeito, não assente a nenhuma das coisas não manifestas”. (*HP*, I, 13)

Isto não se limita a considerar somente dogmas propostos por outras filosofias, mas abarca a possibilidade de desenvolver o pirronismo de forma não dogmática. É nesse contexto que Sexto introduz diversas metáforas sobre o uso não dogmático da linguagem por parte dos pirrônicos, tais como o fogo, os purgantes e a já mencionada escada (*M*, I, 232-234) para explicar que:

<sup>305</sup> Para a forma de referenciar a obra de Sexto Empírico, conferir a nota 19 deste trabalho.

<sup>306</sup> A orientação dos fenômenos é, segundo Sexto Empírico, o critério da orientação céptica. Se trata de um critério prático através do qual o cético pode viver, atuar, rechaçar umas coisas e evitar outras, sem dogmatizar. Isto significa que o cético simplesmente assente ao que se o apresenta involuntariamente, ou seja, os fenômenos ou aparências. Sobre este assunto, conferir *HP*, I, 21-24. De acordo com Reinoso, o critério prático desempenha um papel central no modo com que Sexto aborda o problemático vínculo entre o caráter assertivo da linguagem e o dogmatismo.

[...] (o cético) tampouco dogmatiza ao enunciar expressões cétricas sobre as coisas não manifestas como, por exemplo, a expressão “nenhuma coisa é mais que outras” ou “eu não determino nada”. Com efeito, quem dogmatiza estabelece como real o assunto sobre o qual se diz que ele dogmatiza, enquanto o cético não estabelece suas expressões como se fossem totalmente reais, pois supõe do mesmo modo que a expressão “tudo é falso” diz, junto com as outras coisas, que ela também é falsa (*HP*, I. 14-15).

Outra das estratégias que Sexto apresenta é a “apologia” do discurso cotidiano, para expressar o que sentem sem compromisso dogmático (Reinoso, 2025). Esta resulta particularmente de nosso interesse, já que apela à noção de diferentes “usos” da linguagem. Assim:

[...] entre os usos linguísticos, alguns se observam na ciência, outros na vida cotidiana. Assim, em filosofia ou em medicina se adotam preferencialmente certos termos, e o mesmo em música e geometria. E aí está também o simples uso cotidiano dos particulares, que difere de cidade a cidade e de nação a nação. Por isso, em filosofia, nos conformaremos ao uso dos filósofos, em medicina o que lhe corresponde, e na vida cotidiana àquilo que seja mais corrente, menos rebuscado e mais própria da localidade em questão (*M*, I. 232-234).

Isso não só revela que os pirrônicos estabeleciam uma diferença entre linguagem “técnica” e linguagem ordinária, mas também que não evitavam se expressar em nenhum dos dois registros. Mais importante ainda é o fato de que Sexto reconhece que o critério para o uso da linguagem cotidiana é a adequação e concordância de ordem prática que resulta útil, e que o cético não ataca, já que é isso que fundamenta e guia sua conduta, por exemplo, em casos de conflito ético.

Finalmente, a última estratégia das três mencionadas se baseia na ideia de “informar descritivamente”, ao modo dos historiadores. Assim, antes de iniciar sua exposição sobre a orientação cétrica, Sexto aclara que “[...] sobre nada do que se vai dizer pronunciamos como se fosse forçosamente tal como o dizemos, senão que tratamos todas as coisas ao modo dos historiadores: segundo o que nos resulta evidente no momento atual” (*HP*, I. 4).

Essa ideia segundo a qual o cético simplesmente manifesta seu estado de ânimo (*pathos*) no momento atual aparecerá várias vezes no decorrer da exposição de Sexto (Cf. *HP*, I. 15, 197, 203). Como vemos, a dimensão pragmática da linguagem resulta central nas reflexões de Sexto a respeito de como os pirrônicos tentavam evitar compromissos dogmáticos em suas enunciações – tanto no contexto dialético de discussão contra os dogmáticos quanto nas expressões de fala cotidiana – e, o que resulta fundamental para nosso problema, nas formas de expressão de sua própria “orientação” ou prática filosófica. E esta ideia de orientação ou prática como essência do pirronismo é consequente em relação ao seu antidogmatismo, já que, tal como explica, a orientação pirrônica não constitui um sistema: “Se alguém diz que ‘um sistema é a inclinação a muitos dogmas que têm conexão entre si e com os fenômenos’, e se se chama dogma o assentimento a uma coisa não evidente, então diremos que não tem um sistema” (*HP*, I. 16)

Como mencionei, o traço central que define o pirronismo é a investigação (*zétesis*) (HP, I. 1-4, 7), que apresenta dois aspectos centrais: o primeiro é que é uma atividade social que o cético exerce para erradicar as crenças dogmáticas. Nesse sentido, Sexto menciona que o cético atua como “filantropo”, movido por seu afã terapêutico (HP, III. 280). Assim, a *zétesis* se apresenta como um proceder destinado a liberar o homem dos tormentos causados por suas crenças originadas em opiniões dogmáticas. E, por este motivo, o discurso do pirrônico se apresenta como diferente do discurso filosófico, porque este último cria uma nova enfermidade que substitui a anterior: “[...] como o médico que cura uma pleurite, porém produz uma pneumonia [...] não elimina o perigo, mas o muda por outro, assim também é o filósofo, que introduz uma angústia no lugar de outra e não ajuda quem está angustiado” (M, XI. 136-137). Num segundo aspecto, a *zétesis* se apresenta como um processo sempre aberto, constante, não só porque procede refutando dogmas daqueles que se creem sábios, mas porque são precisamente os dogmáticos aquele que cancelam a investigação ao afirmar ter a verdade. Portanto, existe uma relação entre dogmatismo e o fim da investigação.

A partir de todas essas considerações é possível ver que, ainda que Sexto se mostra crítico a respeito de certos aspectos da linguagem e sua relação com o dogmatismo, seu objetivo filosófico não é a afasia. A partir da consciência da tendência dogmática da linguagem, ele elabora diversas estratégias que permitem proceder com a *zétesis* pirrônica de maneira não dogmática, evitando cair em autocontradição ou inconsistência. Veremos que Mauthner recupera – à sua maneira – algumas destas reflexões centradas na dimensão pragmática da linguagem a partir das quais será possível ver que seu criticismo é filosoficamente consistente e, portanto, não cai no misticismo ou na afasia.

### **Linguagem e antidogmatismo no criticismo mauthneriano**

Mauthner também apresenta sua filosofia como uma alternativa ao dogmatismo, especialmente ao dogmatismo negativo, o qual identifica com o ceticismo: “Os céticos epistemológicos, em sua luta contra o dogmatismo filosófico, converteram-se uma outra vez em dogmáticos negativos, enquanto desejavam permanecer como meros críticos (Mauthner, 1910, p. 132). Assim, entende que sua crítica se diferencia do ceticismo *epistemológico* – leia-se dogmatismo negativo – em um ponto central: o antidogmatismo. De modo que, tal como faz Sexto, se preocupa em aclarar a natureza antidogmática do seu pensamento. Como vimos, para Weiler isso constitui um problema, já que a dita posição implica (se realmente se quer ser consistente), a impossibilidade de pronunciar-se positiva ou negativamente sobre qualquer assunto, o que conduz à afasia. No entanto, como vimos a respeito de Sexto, Mauthner consegue

evitar esse problema através de seu tratamento da linguagem. No entanto, a estratégia através da qual Mauthner evita os usos dogmáticos da linguagem se diferencia em alguns aspectos da de Sexto, em particular porque se baseia na natureza metafórica da linguagem e não no uso de expressões céticas que se autolimitam.

Segundo o processo metafórico que opera a base da linguagem, junto ao fato de que só possuímos sentidos acidentais, Mauthner considera que resulta impossível pronunciar ou afirmar algo a respeito daquilo que está para além de nossas sensações, que compõem nossa representação ou nossa imagem antropomórfica do mundo. Pretender pronunciar-se para além dessa imagem seria dogmatizar. Por outro lado, Mauthner é consequente em sua ideia da natureza metafórica da linguagem, já que descreve seu próprio pensamento através de diversas metáforas. Ou seja, e isto é uma diferença central em relação a Sexto, evita, em sua prosa, o proceder argumentativo, priorizando em vez disto o uso de metáforas.

Apesar dessa diferença em relação a Sexto, a finalidade que persegue Mauthner ao proceder dessa maneira é a mesma que encontramos nas *Hipotiposes*, isto é, apresentar o caráter assistemático do seu pensamento. No prólogo à segunda edição de suas *Contribuições*, Mauthner dedica algumas páginas a responder algo que alguns detratores reprovaram nele: o fato de que não oferece um sistema positivo, mas só negação e ceticismo niilista, e o apresenta sem sistema (Mauthner, 2001, p. 22). Ele reconhece que ao menos a segunda parte dessa investigação não é injusta, ainda que admita que sua “forma subjetiva de trabalho” fora talvez objetivamente necessária para sua tarefa. Assim, sua renúncia à “limpa apresentação sistemática” o leva diretamente a rechaçar a segunda parte da reprovação: “não concedo a obrigação de dar um sistema à Crítica da Linguagem” (*ibidem*, p. 25). Nessa negativa se encontra o essencial de sua filosofia. Diante da pergunta de se existe um sistema no mundo que nossas linguagens querem compreender e descrever, Mauthner responde: “Talvez. Porém, talvez não. E o que é indubitável é que o mundo não encerra um sistema humano, científico ou linguístico” (*ibidem*, p. 26). A isto, adiciona que:

A investigação que quis e que tenha chegado a provar a eterna inacessibilidade entre a palavra e a natureza, a investigação que não pode ver um sistema humano ou linguístico no universo não pode oferecer um sistema do conhecimento universal, não podendo, por isso, sequer pedir sistematismo na representação de suas relações (*ibidem*).

Finalmente, Mauthner conclui que, segundo sua essência, a *Crítica da Linguagem* não pode ser um sistema (*ibidem*, p. 28). Por outro lado, assim como vimos a respeito de Sexto, Mauthner reivindica a utilidade da linguagem ordinária. Entende que toda linguagem consiste em um conjunto de preconceitos herdados pela tradição. E, a partir disso, sustenta que os significados dos termos se assemelham a regras de um jogo, como vimos. Portanto, a dimensão pragmática da linguagem em Mauthner é central quando se trata de evitar compromissos dogmáticos. No uso dos termos comuns, a

linguagem ganha sentido dentro de um marco de referência, de modo que não se refere a algo externo. Assim, no uso *correto* dos termos da linguagem ordinária, o crítico não dogmatiza.

Isso não significa, como propõe Weiler, que a linguagem comum se constitui como um resíduo não criticado da linguagem e que permite à crítica se colocar em marcha:

O exercício da crítica da linguagem é em si mesmo uma atividade linguística. Para praticar a crítica de modo tal que produza um ganho de conhecimento mais ou menos permanente seria necessário haver uma metalinguagem, ou alguma parte da linguagem ordinária que não seja enganosa. Porém, não há tal linguagem privilegiada e, portanto, a crítica deve usar uma ferramenta que é, ao mesmo tempo, o objeto da crítica (Weiler, 1970, p. 276).

Para Mauthner, toda a linguagem é enganosa, na base de qualquer palavra (seja no campo da ciência, da religião, da filosofia ou da linguagem ordinária) se encontra um engano. No entanto, isso não implica que abandonemos o uso comum da linguagem. Ainda mais, dito abandono é simplesmente impossível. A diferença entre o crítico e o dogmático não é que o dogmático pretenda a firmar o que é o caso e o crítico rechace suas afirmações, mas que o crítico argumentará que tanto as declarações do dogmático como as suas estão marcadas pela linguagem, que é enganosa e imprecisa, e que, portanto, seu significado não é suficientemente claro para que seja possível tomar uma decisão sobre sua verdade ou falsidade.

Disto não só se segue que Mauthner reivindique a utilidade da linguagem ordinária, mas que o verdadeiro objetivo da crítica são os conceitos metafísicos:

Toda a investigação desse livro está consagrada à pergunta de se a linguagem humana é um instrumento útil para o conhecimento do mundo, isto é, para uma aspiração alheia a toda utilidade vulgar. Nada desmente a utilidade vulgar e impura da linguagem humana. (Mauthner, 2001, p. 90).

E isto nos leva diretamente a revelar um aspecto central dos dogmas, que nos recorda a visão que Sexto possui sobre eles: o problema com os dogmas não é simplesmente de caráter epistemológico, mas tem uma carga ética. Por isso, assim como Sexto, Mauthner considera certos dogmas como enfermidades que é preciso erradicar. Segundo ele, ainda que a linguagem praticamente careça de realidade, é, no entanto, algo efetivo, uma arma, um poder: “Por ser a linguagem uma força entre os homens, exerce também uma força sobre o pensamento do indivíduo. O que pensa em nós é a linguagem” (*ibidem*, p. 68). De fato, Mauthner se refere explicitamente ao dogmatismo como uma enfermidade:

As palavras embriagam, as palavras atordoam, e os que entregam a elas podem ser conduzidos pelas palavras ao suicídio [...] há inumeráveis enfermos que não podem resistir à tentação de ingerir massas de palavras e devolvê-las. Poderíamos chamar essa enfermidade de *logismo*, e o fato da palavra significar tanto linguagem quanto razão não é motivo para buscar outra. Também poderíamos chamar-lhe silogismo ou simplesmente lógica (*ibidem*, p. 167).

Assim, tal como acontece com a investigação pirrônica, o criticismo opera sobre os dogmas, considerando não só que nos induzem ao erro, mas que são nocivos.

## Criticismo e *zétesis*

A partir do que foi exposto é possível afirmar que o criticismo mauthneriano se assemelha ao proceder da *zétesis* pirrônica. Em primeiro lugar, como mencionamos a respeito de Sexto, a *zétesis* é eminentemente crítica, ou seja, procede neutralizando dogmas. No entanto, a diferença do pirronismo, que procede em termos de argumentos restaurando a equipolência, o proceder crítico de Mauthner procede explorando a natureza da linguagem. Conseqüentemente, isto revela o caráter social da crítica; e isto não só pelo fato de que procede desconstruindo dogmas historicamente herdados, mas porque Mauthner – como Sexto – entende que os dogmas são nocivos e por esta razão pensa que a crítica da linguagem é uma tarefa das mais importantes para a humanidade. Por outro lado, tal como é dito na *Hipotiposes*, Mauthner considera que, historicamente, as principais fontes desse tipo de “superstições” (*Aberglauben*) – ou, o que é o mesmo, dogmas – foram as escolas filosóficas, que, mediante a postulação de sistemas filosóficos, pretendiam afirmar verdades imutáveis sobre a realidade. Isso assinala que, tal como pretendia Sexto, o discurso filosófico de Mauthner não substitui uma superstição por outra. Por isso considera que, uma vez que a filosofia se torna crítica da linguagem, a crítica, por sua vez, deve tornar-se uma autoliberação da filosofia (enquanto sistema). Assim, abandonados os enganos dos construtores de sistemas, “a filosofia, se alguém insiste em reter a antiga palavra, não pode ser mais que uma atenção crítica à linguagem” (Mauthner, 2001, p. 40).

Finalmente, o último ponto que quisemos assinalar tem a ver com a finalidade até a qual se orienta a *zétesis* pirrônica: a tranquilidade de espírito (*ataraxia*). Isso resulta peculiarmente interessante na filosofia de Mauthner, já que a claridade que surge da crítica oscila entre um sentimento de desesperança e a serenidade:

Em toda a história da filosofia, isto é, na obra do pensamento de grandes homens, se nota a surpreendente contradição de que todos os cérebros de primeiro nível penetraram a miséria e o horror da vida [...] e, por outro lado, as mesmas cabeças ou mostram ou recomendam uma serenidade superior do espírito (*ibidem*, p. 106).

Da penetração em nossa dolorosa condição surge, “como um arco-íris entre a nuvem escura, a serenidade de espírito que todo grande cérebro, desde Sócrates a Kant, pregou” (*ibidem*, p. 107). Está é, dirá Mauthner, “a majestosa serenidade de alguns grandes” (*ibidem*).

## Conclusão

A partir de todas essas considerações, concluímos que existem afinidade importantes entre a crítica proposta por Mauthner e a *zétesis* pirrônica, que resulta central para a relação da análise crítica da linguagem e o dogmatismo. Esse reconhecimento não só habilita uma leitura filosoficamente consistente do criticismo mauthneriano – que o separa de interpretações místicas radicais como a de Weiler – mas também joga luz sobre a peculiar forma de ceticismo que Mauthner professa. Por tudo isso, considero que a crítica mauthneriana pode ser mais bem compreendida à luz do pirronismo sextiano, que não se concentra em torno do problema das possibilidades do conhecimento, mas principalmente em uma prática terapêutica filosófica cujo propósito não é a edificação de uma teoria, mas a de uma habilidade crítica. Por sua vez, ao reconhecer que Mauthner atualiza – em seus próprios termos – a *zétesis*, agora entendida como crítica linguística, considero que seu projeto filosófico pode ser mais bem compreendido sob a forma de um pirronismo.

### Referências bibliográficas

- ARENS, K. “Linguistic Skepticism: Towards a Productive Definition”. In: *Monatshefte*. Madison: University of Wisconsin Press, vol. 74, n.º 2, verano de 1982, pp. 145–155.
- ARENS, K. *Empire in Decline: Fritz Mauthner’s Critique of Wilhelminian Germany*. Nueva York: Peter Lang, 2001.
- ARENS, K. *Functionalism and Fin de siècle: Fritz Mauthner’s Critique of Language*. Bern: Peter Lang, 1985.
- BARROSO, P. “Mauthner versus Wittgenstein: language as metaphor”. In: *E-Revista de Estudos Interculturais do CEI – ISCAP*. Porto: Centro de Estudos Interculturais, n.º 3, mayo de 2015, pp. 1–23.
- BREDECK, E. *Metaphors of Knowledge: Language and Thought in Mauthner’s Critique*. Detroit: Wayne State University Press, 1992.
- DI TOMASOa, S. “Lenguaje y filosofía: la *Sprachkritik* de F. Mauthner a la luz del Pirronismo”. *Síntesis*, (15), 2024b, pp. 43–59.
- DI TOMASOb, S. “Pirronismo y criticismo: una lectura neopirrónica de la *Sprachkritik* de F. Mauthner”. In: Reinoso, G.; Uanini, F.; Di Tomaso, S. (Eds.) *Neopirronismo clásico y contemporáneo. Discusiones en torno al legado escéptico*. Córdoba: Colecciones del CiFFyH, 2024a, pp. 63–83.

- ENGELMANN, M. L. “O Caso Mauthner: O *Tractatus*, o Círculo Kraus e a Significatividade da Negação”. En: *Analytica. Revista de Filosofia*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, v. 25, n. 2, 2023, pp. 67–83.
- FREDE, M. “Los dos tipos de asentimiento del escéptico y el problema de la posibilidad del conocimiento”. *Anales del Seminario de Metafísica*, n.º 27, 1993.
- MAUTHNER, F. *Contribuciones a una crítica del lenguaje*. Trad. J. Moreno Villa. Barcelona: Herder, 2001.
- MAUTHNER, F. *Erinnerungen: Prager Jugendjahre*. München: Georg Müller, 1918.
- MAUTHNER, F. *La maledizione della parola: testi di critica del linguaggio*. A cura di Luisa Bertolini. Palermo: Centro Internazionale Studi di Estetica, 2008.
- MAUTHNER, F. *L’ateismo e la sua historia in Occidente*. Trad. de Luciano Franceschetti. Roma: Nessun Dogma, 2012–2013. 4 vols.
- MAUTHNER, F. *O avesso das palavras: história da cultura e crítica da linguagem (1901–1924)*. Org. de Márcio Suzuki. São Paulo: Editora 34, 2024.
- MAUTHNER, F. *Spinoza*. Estudio preliminar de Fernando Bahr. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2011.
- MAUTHNER, F. “Selbstdarstellung”. En: Schmidt, R. (org.). *Die Philosophie der Gegenwart in Selbstdarstellungen*, vol. 3. Leipzig: Meiner, 1922, pp. 121–143.
- MAUTHNER, F. *Wörterbuch der Philosophie: neue Beiträge zu einer Kritik der Sprache*. München/Leipzig: Georg Müller, 1910.
- PISANO, L. “Misunderstanding Metaphors: Linguistic Scepticism in Mauthner’s Philosophy”. En: *Yearbook of the Maimonides Centre for Advanced Studies*. Hamburgo: De Gruyter, 2016, pp. 253–274.
- REINOSO, G. *Ceticismo e linguagem común*. Presente en este volumen. 2025.
- SANFÉLIX VIDARTE, V. “La filosofía como crítica del lenguaje”. En: *Convivium*. Barcelona: Departament de Filosofia Teòrica i Pràctica, Facultat de Filosofia, Universitat de Barcelona, 18, 2005, pp. 195–216.
- SANTIBÁÑEZ YÁÑEZ, C. “Los juegos de lenguaje de Fritz Mauthner y Ludwig Wittgenstein”. En: *teorema*. Madrid: Editorial de la Revista de Filosofía, Vol. XXVI/1, 2007, pp. 83–105.
- SEXTO EMPÍRICO. *Contra los dogmáticos*. Madrid: Gredos, 2012.
- SEXTO EMPÍRICO. *Contra los profesores*. Madrid: Gredos, 1997.
- SEXTO EMPÍRICO. *Hipotiposis pirrónicas*. Madrid: Akal, 1996.
- SUZUKI, M. “O duplo desterro”. En: Suzuki, M. (org.). *O Avesso das Palavras*. São Paulo: Editora 34, 2024, pp. 15–21.

WEILER, G. *Mauthner's Critique of Language*. New York: Cambridge University Press, 1970.